

Jornada

CLÁUDIO BESERRA DE VASCONCELOS*

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.
Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

(Memória – Carlos Drummond de Andrade)

Convidado a escrever algumas linhas sobre a minha experiência como aluno do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (PPGHIS/UFRJ), deparo-me com a complexa tarefa de lembrar.

Datas comemorativas são, naturalmente, momentos de mexer no baú da memória. A própria etimologia da palavra já remete a isso. Com relação às comemorações dos 30 anos do PPPGHIS não seria diferente. Mas uma instituição é formada por pessoas, por isso, são elas que celebrarei. Quero recordar o PPGHIS, lembrando um grupo importante para a minha formação pessoal e acadêmica, mas que também, creio, teve papel significativo em um processo de enriquecimento da relação entre professores e alunos do programa. Algumas jornadas, em muitos sentidos, dão um novo significado, mostram novos caminhos, reinventam a trajetória de modo singular. Para mim, a experiência como aluno do PPGHIS no ano de 2007 é uma dessas ocasiões. Sem querer ser pretensioso, acho que aquele também foi um momento importante para o programa.

Uma advertência é necessária: ao recordar, tal como um Funes¹ ao avesso, esqueço, confundo, escolho. Mas este não é um “privilegio” meu. O testemunho nunca é um relato exato do que aconteceu. A nossa memória seleciona o que deve ser lembrado. Na verdade, ao expor o passado, sempre procedemos a uma reelaboração através da qual memórias, consciente ou inconscientemente, são esquecidas. Além disso, essa reelaboração do passado

* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (PPGHIS/UFRJ). E-mail: cb.vasconcelos@yahoo.com.br.

¹ Irineu Funes é o personagem central do conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luiz Borges. Na história, Funes tem uma memória fantástica, sendo capaz de lembrar tudo que viveu ou leu. (BORGES, 1944).

não está baseada em uma memória individual impermeável às influências externas. Como define Maurice Halbwachs, construímos nossas lembranças na interação com a sociedade, seus grupos e instituições (HALBWACHS, 1990: 26). Portanto, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, que também é seletiva. Todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, e em contato com as recordações dos outros. Logo, a memória é sempre fruto de uma interação entre diferentes agentes, internos e externos. Por último, atesto que tenho consciência de que as pessoas constroem suas memórias na inter-relação entre passado e presente. Como a memória atua no presente para representar o passado, e como as situações do presente variam, essa interpretação do passado pode sofrer modificações em função do momento em que é articulada.

Portanto, não tenho a pretensão de ser preciso. Esquecendo, reelaborando, interpretando o passado, tenho consciência de que muito do que será relatado foi fixado em minha mente em função do contato que mantive com um determinado grupo de pessoas durante um período específico. Contudo, absolvo-os de qualquer imprecisão aqui apresentada. Tenho consciência de que muito do que será dito é passível de acréscimos e correções dos companheiros cujos nomes serão mencionados.

Em 2007, eu estava no segundo ano do doutorado. Até então, excetuando um período de colaboração específica com o *Historiando*,² nunca tinha participado ou colaborado efetivamente com representações estudantis. Mas, naquele ano, algo me inquietava na relação entre os alunos e o PPGHIS, e a sucessão de fatos mostrou que aquela não era apenas uma angústia exclusivamente minha. De início, confesso que não tomei nenhuma atitude para mudar a situação que me incomodava. Mas, bastou que alguém demonstrasse o mesmo desassossego para tirar não só a mim, mas um generoso grupo, da sua zona de conforto e fazer com que passássemos a buscar por transformações que, a meu ver, alteraram sensivelmente a relação entre alunos e o PPGHIS e contribuíram para um crescimento do programa e um amadurecimento dos discentes.

Não com um caráter acusatório, e sim enaltecendor, afirmo que a responsabilidade pelo início desse processo e a liderança inegável entre os alunos naquele período couberam ao Rodrigo Cardoso Soares de Araújo.

Rodrigo já tinha experiência em ações acadêmicas, em particular, na criação e desenvolvimento dos Cadernos Universitários de História e em organizações de seminários.

² Publicação do Centro Acadêmico Manuel Maurício de Albuquerque (CAMMA), do curso de História da UFRJ.

Ao ingressar no mestrado, defrontou-se com uma realidade de total desmobilização dos alunos do programa e de pouca expressividade da representação discente. Não que esta não existisse ou que o PPGHIS impusesse alguma barreira à sua efetividade. Na verdade, nas reuniões anuais de apresentação do programa aos novos alunos, éramos instados a escolher o nosso representante, mas, no geral, a relação entre os discentes ficava por aí.

Reconheço o esforço daqueles que exerceram a representação estudantil até então. A presença nas reuniões do colegiado, a participação, aos demais discentes, sobre o que fora discutido e decidido, a colaboração na organização de eventos e o desempenho das funções burocráticas exigidas pelos órgãos de fomento à pesquisa aos alunos dos programas de pós-graduação eram funções exercidas. Contudo, apesar desse empenho, não me recordo de ter presenciado nenhum fórum de discussão entre os discentes, nenhuma atitude propositiva, por menor que fosse. Nossos desejos, indagações, lamúrias ficavam restritos aos pequenos grupos que normalmente se formam e não iam muito além das mesas do café do IFCS.

Creio que, inconformado com esta situação, Rodrigo buscou os e-mails de alunos do PPGHIS e, recordo, encaminhou uma mensagem propondo a criação de um “grupo” de discussão *online* e de uma reunião dos estudantes, com o objetivo de debatermos nossa realidade. Respondi a esse primeiro contato concordando em associar-me à empreitada e, como tinha acabado de participar e estava positivamente surpreso com a organização e os resultados da Semana de História Política da UERJ, sugeri que fizéssemos modificações na Jornada do PPGHIS. Rodrigo, em tréplica, afirmou que também estivera no evento da UERJ e que, em um primeiro encontro entre alguns alunos do PPGHIS, a ideia de que se fizessem algumas modificações na nossa Jornada já havia sido levantada.

Realizada a primeira reunião, formou-se um grupo que, de fato, tomou a frente do processo que resultou em algumas mudanças efetivas.

O grupo que aqui denomino de “geração de 2007”,³ foi composto, além do Rodrigo Cardoso, por André Lemos de Freixo, Cristina Monteiro de Andrada Luna, Daniel Pimenta

³ Advirto que faço um uso informal do termo de “geração”. O uso do conceito de “geração” pode ser entendido como relativo a um conjunto de indivíduos que compartilha experiências sociais historicamente distintas das de outros e que, por isso, pode contribuir à compreensão da história, não só do grupo, mas também de um dado momento de uma sociedade. Ainda com relação a este conceito, é preciso atentar que, como afirma Jean-François Sirinelli, “(...) um extrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade – ambas geralmente determinadas por um acontecimento inaugurador –, (...)”. A representação estudantil do ano de 2007 poderia até exercer esse papel de acontecimento inaugurador e conferir a esse grupo uma identidade. Creio também que o fato de ter originado um processo que persiste até hoje, confere a este grupo um caráter distinto dos que o sucederam. Contudo, a existência apenas por um curtíssimo espaço de tempo, prejudica tal caracterização. Portanto, utilizo o termo “geração” como uma denominação genérica e não como um conceito acadêmico, cujo uso requereria pesquisas e análises fundamentadas. Citação extraída de SIRINELLI, 1996: 133.

Oliveira de Carvalho (Muriqui), Felipe Esteves Lima Maciel, Ivan Norberto dos Santos, Marcelo Santos de Abreu, Rachel Motta Cardoso, Rachel Saint Williams e por mim.

Excetuando a mim, a Cristina Luna, que éramos de gerações “ifcsianas” anteriores, e Marcelo Abreu, que vinha da UFF, todos os outros eram contemporâneos e companheiros dos tempos da graduação no IFCS, o que facilitou muito a consolidação do grupo. Eu conhecia bem apenas a Cristina e a Rachel Cardoso, devido aos anos de convívio no Laboratório de Estudos sobre os Militares na Política (LEMP) e, um pouco, o André, com quem havia feito uma disciplina na pós. Os demais eram ilustres desconhecidos.

Naquele dia escolhemos os representantes dos alunos: Rodrigo, para os mestrandos, e Cristina, para os doutorandos. Identificamos, também, as questões sobre as quais nos dedicaríamos: a modificação da Jornada, a alteração do processo de seleção e a elaboração de uma revista discente. Procuramos, então, agir em duas frentes: de um lado, os representantes discentes se apresentariam como tal na reunião seguinte do colegiado do PPGHIS, informando nossa intenção de uma participação efetiva junto ao programa; de outro, antes de levantarmos a ideia, começaríamos a redigir um projeto para a revista.

Alguns professores louvaram a nossa iniciativa, por achá-la justa e necessária, outros, demonstraram certo receio, o que, na realidade, era plenamente justificável. Se as engrenagens do programa haviam funcionado até então, de que direito aquele grupo de alunos se investia ao advogar a realização de mudanças? Tais “desconfianças” foram superadas. Levou algum tempo, tivemos que mostrar, na prática, que estávamos dispostos a arregaçar as mangas, que a nossa intenção era de parceria, que o saldo seria positivo para todos.

Com relação à proposta da revista, chegamos quase a finalizar o pré-projeto a ser apresentado ao programa. Como eu havia acabado de sair do processo de formatação da *Militares e Política*, revista do LEMP, fiquei encarregado de redigir um primeiro “esqueleto” do projeto. Somei ao material que já tinha uma série de sugestões dos colegas – recordo que o Marcelo Abreu, Cristina Luna e Rachel Saint Williams indicaram algumas boas revistas para que eu analisasse o projeto editorial – e, em nossas reuniões, discutimos e polimos o pré-projeto. Chegamos a praticamente concluí-lo, mas preferimos focar nas outras questões que já haviam entrado em discussão junto ao programa, deixando a proposta da revista para um momento mais oportuno.

Inspirados no que já ocorria em outros programas e processos seletivos, com relação à modificação da seleção de alunos para o programa, nosso pleito era para que a prova escrita não tivesse a identificação do nome do aluno e que as notas fossem divulgadas por fases (prova, análise do projeto, entrevista, prova de idiomas). Por mais de uma reunião do

colegiado, esta questão foi discutida com afinco e, por fim, foi aprovada a nossa proposta de realização da prova sem a identificação do aluno, mas não a divulgação das notas ao fim da cada fase. Ainda que não aceita na totalidade, a aprovação de parte do que propusemos representou um avanço significativo e, no meu entender, uma prova efetiva do processo de enriquecimento pelo qual passava o relacionamento entre o programa e a representação discente.

Com relação à Jornada, reconhecíamos seus méritos. Sua característica singular de coordenação das discussões por leitores críticos, convidados entre professores de outros programas de pós-graduação em História, que previamente analisavam as comunicações dos participantes de cada mesa de trabalho era louvada. Mas entendíamos que o modelo adotado tinha limitações.

A apresentação de trabalhos restrita aos alunos do programa levava a formatação de mesas por, quase que habitualmente, orientandos de um mesmo professor, ou de um grupo de professores com temas afins. Via de regra, os trabalhos já eram conhecidos por todos os componentes da mesa, o que, acreditávamos, reduzia o espaço para troca. Além disso, faltava uma maior divulgação da Jornada entre os alunos da graduação em História da própria UFRJ. Em geral, os graduandos pouco estavam informados da realização da Jornada dos alunos do PPGHIS. Mais grave, desconheciam a produção acadêmica da instituição – e do curso! – no qual estudavam. Entendíamos que o objetivo desse tipo de evento é sempre o de fazer avançar o conhecimento, mas percebíamos que esta possibilidade ficava reduzida pela forma como era organizado até então.

Na verdade, a Jornada do PPGHIS só havia sido realizada por duas vezes. Como um evento recente, é claro que poderia passar por ajustes. Com este objetivo, nossa intenção inicial era abrir a Jornada para alunos de outros programas. Além disso, queríamos eliminar a distância entre os alunos da graduação e as pesquisas realizadas na pós-graduação. Algo que víamos como produtivo e que deveria ser mantido era a experiência dos coordenadores-críticos para as mesas. Contudo, queríamos participar efetivamente da seleção desses professores, assim como de toda a organização do evento, inclusive, escolhendo o professor que coordenaria a Jornada.

Justificada no fato de que a Jornada deveria ter um caráter de *workshop* para os alunos do programa, a ideia de abrir o evento para alunos de fora não foi aprovada, mas uma melhor divulgação, inclusive com verbas para convidarmos professores de outros estados para atuarem como coordenadores das mesas e para produção de cartazes e panfletos para

divulgação externa foi aprovado. Nossa maior participação na organização, com direito à escolha do professor-coordenador, também foi aceita.

Para este esforço, por unanimidade, decidimos convidar a professora Maria Aparecida Rezende Mota que, de pronto, aceitou o nosso convite e se mostrou uma parceira de todas as horas. Tomando a liderança da organização da Jornada, dividindo tarefas, nos colocando em movimento, corrigindo nossos erros, contendo nossos arroubos e acalmando nossos ânimos, Cida Mota teve um papel fundamental no resultado positivo da III Jornada do PPGHIS.

Como entre nossos objetivos principais estavam a ampliação da visibilidade do evento e uma maior integração entre os estudantes de história da UFRJ, procuramos divulgar a Jornada de modo a atrair o interesse de um público externo à UFRJ, mas, principalmente, para aproximar os alunos do curso de graduação em História da nossa universidade das pesquisas realizadas pelos pós-graduandos do PPGHIS. Além disso, tentando enriquecer os debates, decidimos pela distribuição prévia dos trabalhos dos participantes entre todos os membros de cada mesa.

Ao fim, o resultado da III Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS foi extremamente positivo. A divulgação foi tão boa que, mesmo não sendo permitida a apresentação de trabalhos de alunos de outros programas, recebemos pedidos de inscrições de discentes de outras instituições. Tivemos que negar, mas esse interesse era uma novidade que não tínhamos notícia até então e mostrava, antes mesmo de sua realização, que o evento ganhara em repercussão. Esta percepção se confirmou ao percebermos entre o público ouvinte estudantes de outras universidades e pessoas que, mesmo não ligadas a universidades, estavam interessadas nas temáticas em debate, como foi o caso, por exemplo, de militares que compareceram ao evento.

Com relação à participação dos alunos da graduação, esta ainda foi pequena. Melhor do que nos anos anteriores, o que indicava um avanço, mas aquém do desejado, o que mostrava que muito ainda precisava ser feito pra eliminar o fosso que separava graduandos e pós-graduandos.

Principalmente, conseguimos ganhar a confiança dos professores do programa. Fomos cumprimentados pelo resultado final. Provamos que estávamos dispostos e tínhamos condições de contribuir com nossos esforços para o bem do programa. Nesse aspecto, o saldo foi tão positivo que, no final daquele ano, curiosamente, fomos encorajados a elaborar um projeto de uma revista do corpo discente. Ao que respondemos que ele estava quase pronto, mas que decidimos não apresentá-lo, guardando nossas forças para as empreitadas que

havíamos proposto primeiro. Ficamos de fazer isso no ano seguinte, após dar ciência aos novos alunos que entrariam no programa.

No início de 2008, “passamos a bola” para uma “nova geração”. Rodrigo sempre à frente. Convocamos uma reunião com os alunos novos, deixando-os a par de tudo que ocorrera no ano anterior, as propostas, as mudanças, os obstáculos, o sucesso... Entregamos o pré-projeto da revista que, muito melhorado – é bom e justo que se reconheça –, resultou na *Ars Historica*, orgulhosamente, a Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

Na minha opinião, o legado da “geração de 2007” pode ser percebido na consolidação da representação discente. Esta é, hoje, uma realidade de fato. Acho que ninguém mais imagina um retorno ao período anterior. As gerações se sucedem e os novos alunos já entram conscientes da efetiva atuação da representação estudantil dos alunos do PPGHIS. O grupo de discussão online continua como um instrumento de comunicação essencial, principalmente devido à impossibilidade de comparecimento de todos os alunos às reuniões. A revista é uma realidade, a Jornada segue o seu rumo. Há o que melhorar? Sempre há. Mas ouve um progresso significativo a partir do ano de 2007. Caminhamos em direção à realização dos nossos objetivos. Estávamos cientes de que ainda havia muito que fazer e que apenas tínhamos dado o passo inicial. Aos que vieram depois de nós, coube – e ainda cabe – a tarefa de persistir.

Não quero dizer que a “geração de 2007” foi excepcional ou superior às demais. Apenas ressaltar a importância da jornada de um grupo que decidiu abdicar da letargia e partiu em busca de mudanças que acreditava poderiam ser benéficas não só aos alunos, em particular, mas ao próprio PPGHIS. Se consegui atingir meu intento, não sei. Ao menos, tive um bom motivo para recordar e celebrar a feliz convivência com André Freixo, Cida Mota, Cristina Luna, Felipe Esteves, Ivan Norberto, Marcelo Abreu, Muriqui, Rachel Cardoso, Rachel Saint Williams e Rodrigo Cardoso. A eles, e ao PPGHIS, que permitiu esse feliz encontro, essa fascinante jornada, parabéns e muito obrigado!

Referências Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. “Funes, o memorioso”. _____. *Ficções*. 1944. São Paulo: Cia das Letras, s/d.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO,

Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.